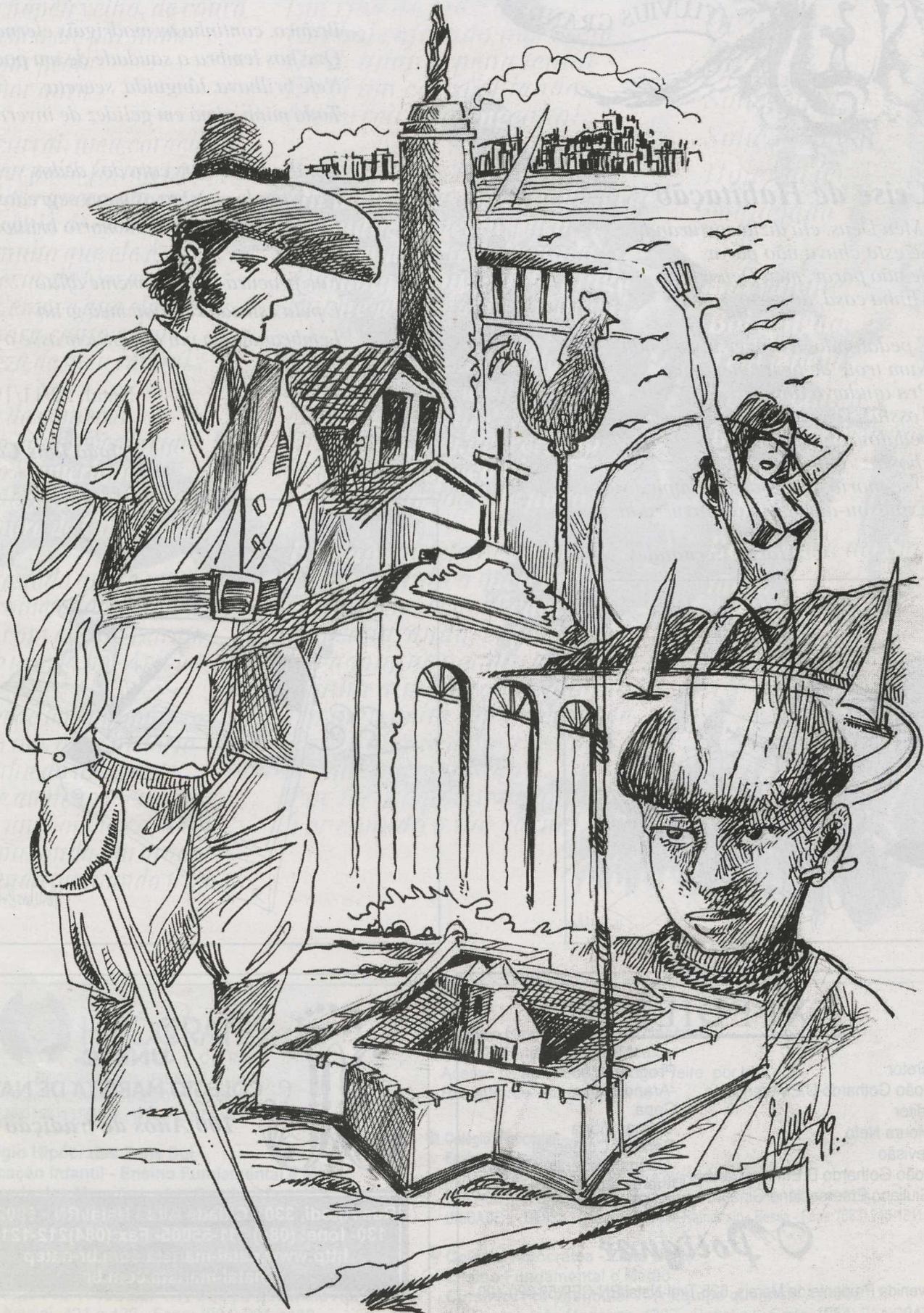


O Potiguar

Ano II Nº 12

Maio/Junho 99

R\$ 1,00





Crise de Habitação

-Meu Deus, ela dizia costurando,
Se esta chuva não parar
Se não parar, meu Deus,
Minha casa, de certo, ruirá!

E pedalando, a Singer ia cosendo
Num trote de besta mecânica
Pra ajudar a dona...
Tossiu... Tossiu... pedalou...
pedalou... pedalou...
chovia... chovia... chovia...
O senhorio - o aguaceiro impiedoso -
Expulsou-a de casa na enxurrada...

Jorge Fernandes



Livro Perdido

Eu tinha um livro irmão desses cadernos
Que tenho hoje espalhados na gaveta,
Era escrito por mim com tinta preta
Tinha sonetos amorosos, ternos...

Branco, continha os madrigais eternos
Que nos lembra a saudade de um poeta...
Nele brilhava, lânguida, secreta
Toda minh'alma em gelidez de invernos...

Um dia o livro me caiu dos dedos...
Arrastando consigo os meus segredos
Foi-se esse raio do meu morto brilho...

Fui procurá-lo loucamente aflito
E pela estrada resoou meu grito
Lembrando um pai que procurasse o filho...

Natal, 22/11/1908

João Lins Caldas.



EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-Arandi Sales
Editor	Capa
-Moura Neto	-Edmar Viana
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



-UNBEC-
COLÉGIO MARISTA DE NATAL
100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-
[@natal-marista.com.br](http://www.natal-marista.com.br-natop)

A Cantoria do Boi

*Levantando as mãos pro céu
Vou tirar o meu chapéu
Meu chapéu velho, de couro
Não troco ele por nada
Nem por prata
Nem por ouro*

*Meu curral, meu coração
Do meu peito fiz um campo
Eu agora quero um canto
Todo cheio de emoção
Pelo muito que ele é
Por Jesus de Nazaré
Pelo Sempre que ele foi
Eu agora canto o boi
Riqueza de meu sertão!..*

*Antes de começar
Quero aqui reverenciar
o povo Sumeriano
Na beleza Sacro-Santa
Do Touro de Corsabad!..*

*Emprestado quero um lápis
Sem cometer desacato
Faço com ele um retrato
Na figura do boi Apis!..*

*Derna de ternante
Como nos diz a história
Na linha do horizonte
Preste atenção meu amigo
Eu vi um boi tão cansado
Tava puxando um arado
Gemendo plantando trigo!..*

*Por isso digo a você
Eu vi um carro atolado
Em riba do massapé
Um boi sofrendo na canga
De ti, quanta pena tenho
Eu vi um carro chiando
No terreiro do engenho!..*

*Boi sofrendo sem futuro
Oh meu Deus quanta desgraça
Rapadura, mel de furo
Na formilha tem fumaça
Alambique pingando pinga
Enche a dorria de cachaca!..*

*De mifanga enfeitado
Alegria do meu povo
Eu vi um boi libertado
Boi de rei, boi de reizado
Pra você eu peço bis
Vou cantar você de novo!..*

*Eu não cometo pecado
Comparando o meu boi
Com Jesus crucificado
Boi sangrando, esfolado
No açogue pendurado
Minha alma fica em chama
Na meu peito uma vela arde
Esse boi que é meu irmão
A você peço perdão
Por ter bebido teu sangue
Ter comido a tua carne!..*

*Êta boi!
Êta boi!*

*Ôi
Ôi
Solte o boi
Solte a boiada
Hoje vai ter
vaquejada*

*Boi valente
Boi tungão
Tem a peia
Tem a canga
Tem a vara de serão
Ê boi
Ê boi
Boi Beleza do Ser-
tão!..*

C.R. Caldas



HIPÓCRATES
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- **Colégio Hipócrates Zona Sul**
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- **Colégio e Curso Hipócrates**
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

- **Colégio Hipócrates Ponta Negra**
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne
- **Colégio Hipócrates - João Pessoa**
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- **Colégio Hipócrates - Zona Norte**
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947

O índio Tabira



Corria o ano de 1598. Manhã tropical. Na copa das árvores repontavam novos rebentos, exuberância da seiva que lhes emprestara copioso inverno no agreste.

Quando a aurora surgiu em caprichosa policromia e os galos-de-campina corrucheavam nos ramos das árvores frondosas, Mascarenhas Homem fazia-se em marcha rumo à capitania de Pernambuco. Cumprira a missão a que viera ao Rio Grande e restava-lhe tornar ao antigo posto.

Entre os companheiros do conquistador encontrava-se o valente Tabira, pertencente à nação tabajara, capitão de ímpetos de crueza, célebre pelos inúmeros feitos de bravura, senhor de sucessivas e estrepitosas vitórias, de proezas nunca vistas nos ofícios de guerra.

Novos panoramas iam-se

descortinando à proporção que a coluna avançava. Floresta compacta ou capoeira semi-desnuda; colina soberba ou planície enlaçada de lianas e ramagens floridas. De instantes, o esvo-

a ç a r das rolas ariscas ou o ciciar das folhas secas com a célebre carreira de tímidos tejuassús.

De súbito, vestígios de inimigo próximo. Tabira é convidado a reconhecê-lo.

Emissários do reduto são batidos com valentia e denodo. Não tarda a descobrir "grande e forte cerca" - proteção para o acampamento dos silvícolas revoltados.

O indomável tabajara galga o obstáculo com presteza, e, em fúria de leão, combate heroicamente. Com bravura nunca vista, vai abatendo muitos deles. Na luta ferocíssima, quebra-se-lhe a espada e ele tem que recuar; fá-lo, porém, com tamanha destreza que parecera ligeiro pássaro cortando os ares.

A uma nova investida e mais impetuoso avanço, não resistem os sublevados. O impiedoso guerreiro vai massacrando quantos encontra, até obrigá-los à retirada em dispersão, atordoados. Duas horas de luta são suficientes para a vitória com cerca de 1.500 prisioneiros, na maioria mulheres e

crianças.

Nunca o céu do Brasil vira capitão de maior fama. Afeito às lutas, punha-se inteiramente a serviço dos conquistadores, fazendo assaltos impetuosos e dispendiosas tremendas. Quando a treva dominava a amplidão, observava os redutos inimigos e no dia imediato surpreendia-os em situação vantajosa metendo-lhes espanto e pavor.

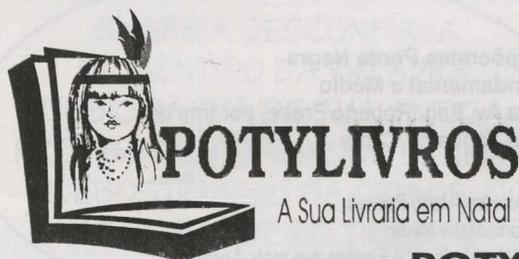
Certa vez, atacado por uma multidão bem armada, Tabira rompe com tal furor, em vozear estonteante, bater de pés e de arcos, que dava a impressão de maior avalanche terror imenso. No momento mais agudo do combate, eis que uma flecha lhe vaza o globo ocular, mas o herói não recua, nem se aterroriza. Arranca impetuosamente a flecha e com ela o próprio órgão da visão; lança mão de uma erva com que estancar o sangue que jorrava e brada para os companheiros: - "Coragem! Coragem! Para vencer o inimigo basta um olho só". E continuou na luta com maior furor ainda.

Antes que as zabelês arrulhassem no fundo da mata e que o sol se escondesse, estavam os nossos dominadores do campo.

Dadivosa terra de guerreiros intrépidos e filhos tão valerosos!

Antonio Fagundes

Transcrito do livro Natureza e História do Rio Grande do Norte. Primeiro tomo (1501-1889) Imprensa Oficial, Natal, 1969.



Rua Felipe Camarão, 609
Rua Felipe Camarão, 628
CEP: 59025-200
Telefax: (084) 211-2001
E-Mail: potylivros@digicom.br

POTYLÂNDIA
Av. Senador Salgado Filho, 1973
CEP: 59078-000
Fone: (084) 231-7170
Telefax: (084) 231-1448

PROMOÇÃO

**LIVROS:
R\$: 5,00**

DISQUE-LIVROS



(084) 211-2001

E-Mail: potylivros@digicom.br

Você telefona e recebe em sua casa o LIVRO de sua preferência, inclusive livros didáticos

Keysers Croon, uma vila holandesa no bairro do Bom Pastor

George MARCGRAVE, notável cientista alemão que esteve no Nordeste, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, realizou um estudo cartográfico focalizando a Capitania do Rio Grande. Tal trabalho, elaborado no ano de 1643 e incluído no livro de BARLÉU, menciona o topônimo KEYSERSCROON, indicado sob o símbolo de vila. A tradução portuguesa de Keysers Croon corresponde a **C O R O A I M P E R I A L**.

La-mentavelmente os diversos cronistas, tanto holandeses como portugueses que trataram daquele período da dominação flamenga na Capitania, não deixaram qualquer notícia sobre aquela desaparecida vila, da qual somente restou o belo topônimo indicado por Marcgrave.

É bem possível que tão pomposo nome – Coroa Imperial – indicasse apenas uma aldeia indígena, mantida sob a supervisão direta das autoridades holandesas...

Naquele mapa de Marcgrave, deparamo-nos com o riacho Cunhaçima, afluente do Potengi pela sua margem direita. Tal riacho corresponde ao nosso conhecido riacho da Quintas, cuja nascente fica lo-

calizada nas vizinhanças da rua dos Paiatís, no bairro da Quintas.

No estudo holandês figura um monte sob a designação de ROODE BERG (Monte Vermelho), o mesmo monte dos

Através da análise procedida no mapa flamengo, verificamos que aquele caminho, de 1643, coincide com a atual rodovia que une Natal a Macaíba. O trecho entre Cunhaçima e Roode Berg eqüivale à atual rua Napoleão Laureano. Tais pontos mencionados distanciam-se apenas 1,8 km entre si.

Na metade de tal distância achava-se a vila da Coroa Imperial, segundo informa o mapa de Marcgrave. Nos dias atuais, podemos considerar a localização de Keysers Croon, como correspondendo aos terrenos existentes na rua dr. Napoleão Laureano, no trecho limitado pelas ruas Castelo Branco e Poeta Camões, estendendo-se em direção ao rio Potengi. A antiga Keysers Croon ficava em um ponto, quase vizinho ao terreno ocupado pelo curture da firma J. Motta, no bairro do Bom Pastor.

Seria Keysers Croon a mesma Aldeia Orange, de que restam informações datadas de 1645? (1)

(1) SOUTO MAIOR, Pedro. Uma Assembléia de Índios em Pernambuco no Ano de 1645, p. 71.



Riacho da Quintas

Barreiros da atualidade, já muito desbatado por anos de extração de barro, ali desenvolvida.

Acompanhando o Potengi pela sua margem direita, o mapa de Marcgrave indica um certo caminho proveniente da Cidade do Natal, o qual demandava as ribeiras do Jundiá e Pitimbu. Tal caminho cruzava o Cunhaçima, relativamente próximo à sua nascente; em seguida, passava por dentro de Keysers Croon, prosseguindo em direção a Roode Berg.

Olavo de Medeiros Filho



Galvão Mesquita Ferragens LTDA

CABOS DE AÇO, CORRENTES, FERRO, ELETRODOS, BARRAS, CHAPAS, CANTONEIRAS, TIRAS ARTICULADAS PARA PORTA DE RÓLO, METALOR, VARÃO DE AÇO REDONDO PARA TORNEARIAS.

Tel.: (084) 211-5180
Fax: 222-1500

Rua Dr. Barata, 217 - Natal-RN

**S E B O
CATA LIVRO**

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

A lição dos cocos

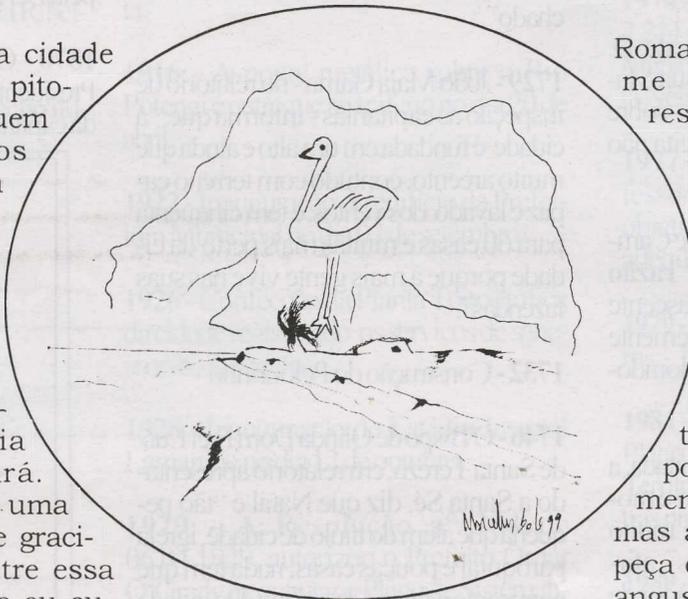
Em meados do século passado, o historiador José Coêlho da Gama e Abreu que presidiu o Amazonas (1867) e o Pará (1879), feito Barão de Marajó em 1881, visitando Natal conheceu o professor José Gothardo Emerenciano (1818 - 1896) em seu sítio, no bairro da Ribeira, onde está localizado o colégio Salesiano.

O Barão de Marajó registrou o encontro no seu livro "Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósforo e Danúbio", Pag. 27, Vol. 01 (cit. da Seleta de Caldas Aulete, pgs 116, 117 e 118).

A entrada desta cidade apresenta uma vista pitoresca e agradável a quem vem do Norte; os palmares que bordam o rio de um e outro lado oferecem um aspecto muito mais belo do que as sombrias linhas de verdura das costas do Pará, ou os intermináveis lençóis de areia das costas do Ceará. Cada palmeira parece uma coluna, e é realmente gracioso o avistar por entre essa imensa colonata, uma ou outra habitação, coberta pela verdejante coma das palmeiras.

Não satisfeito com o belo quadro dos palmares que tinha à vista, cometi a loucura de pensar em comer cocos frescos.

Saltei alegremente para terra, acompanhado de meu filho e da criança que me fora recomendada, decidido a vir para bordo com uma carregação de cocos; mas qual foi o meu espanto, quando supondo que com a maior facilidade obteria os desejados frutos, percorri numerosas casas sem os encontrar. Começava já a supor infrutíferos os coqueiros do Rio Grande do Nor-



te, quando me indicaram a casa do Sr. Gothardo, como a única que podia reabilitar em meu conceito tão festiva terra: dirigi-me à habitação indicada, e, batendo à porta, que estava semi-aberta, uma voz sonora me respondeu na língua ainda mais sonora de Virgílio: "Ingrédite".

Fiquei extático! Encontrava no Rio Grande do Norte um homem que falava latim, como qualquer de nós falaria o português.

Entrei, cismando em qual seria dos cumprimentos usados naquele idioma, o que devia aplicar na presente conjuntura; apenas me ocorreu o dizer-lhe: "Bene valetis?"

E ele, o último dos

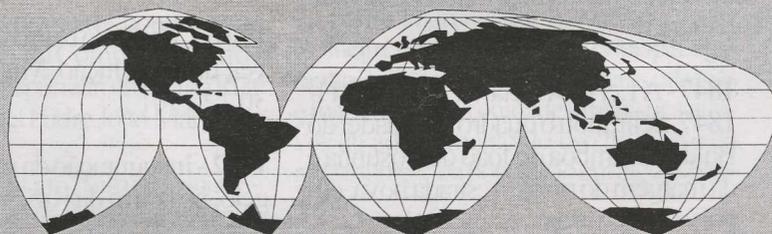
Romanos do Brasil, respondeu-me naturalmente, como responderia Cícero.

Deixo ao leitor o avaliar da minha embaraçosa situação, na presença de um homem disposto a só querer falar numa língua morta. A primeira dificuldade para mim, que queria cocos, era saber o nome deste fruto em latim. O Lineu era quem me poderia valer com a sua nomenclatura botânica latina, mas a memória pregava-me a peça de me abandonar naquele angustiado momento.

Afinal cedi à força das circunstâncias, e resolvi falar-lhe na vernácula língua portuguesa, exprimindo-lhe a necessidade que tinha de alguns cocos. Ele benevolmente, deixando sossegados os manes de Tito Lívio e Horácio, respondeu-me na língua por mim empregada, que ia ser servido.

Ordenou em seguida que me acompanhassem ao palmar, e dissessem ao Zé Velho que apanhasse os cocos que eu precisava, recebendo em troca oitenta réis para cada um. Decididamente o homem pagava-se nos cocos da lição de latim.

J. C. da Gama e Abreu



PRACTICAL

**I
D
I
O
M
A
S**

Natal-RN

www.practicalidiomas.com.br

Notas sobre a

1599 - Jerônimo de Albuquerque Maranhão funda a Cidade do Natal no dia 25 de dezembro

1600 - O Capitão Mor João Rodrigues Colaço concede aos Jesuítas a primeira data de terra no sítio da Cidade.

1608 - O Governador do Recife D. Diogo de Menezes informa a Sua Majestade - no dia 04 de dezembro - sobre Natal: "A povoação que esta feita não tem gente"

1612 - O Sargento-Mor Diogo de Campos Moreno no "**Livro que da razão do Estado do Brasil**" situa a nascente povoação natalense: "Tem pobrememente acomodados até, vinte e cinco moradores brancos".

1627 - "A povoação é muito limitada, a respeito dos moradores estarem e morarem nas suas fazendas, onde muito deles têm suas casas mui nobres", afirmou Domingos da Veiga, morador de Natal.

1628 - "Natal tinha uma Igreja e oito casas" conforme o depoimento de um grupo de índios em Amsterdam, redigido por Hessen Gerritsz.

1630 - "A cidade contava entre trinta e cinco e quarenta casas, de barro e palha, os habitantes mais abastados vivendo nos sítios apenas vindo na cidade aos domingos", segundo relata Adriano Verdonck - enviado das autoridades de ocupação holandesa - no documento "**Descrição das Capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande**".

1634 - 44 - Gaspar Barléu, cronista do Conde Maurício de Nassau, informa ser "A vila de Natal de aspecto triste e acobrunhada pelas ruínas e vestígios de guerra".

1639 - Adriaen Van Der Dussen no "**Relatório sobre as capitanias conquistadas no Brasil pelos holandeses**" informa que a capitania "já teve uma cidadezinha chamada Cidade do Natal, situada a léguas e meia do Castelo Keulen, rio acima, mas totalmente arruinada"

1673 - O Capitão-Mor Antônio Vaz Gondim e os Oficiais da Câmara pedem uma esmola a sua majestade, para a construção da matriz, visando

fixar a população: "Acabando-se a igreja se povoaria a cidade".

1722 - O Capitão-Mor José Pereira Fonseca em carta enviada a El-Rei, no dia 07 de abril, relata que Natal "Tem apenas trinta casas e os arredores eram mato fechado".

1729 - João Maia Gama - no relatório de inspeção as capitanias - informa que "a cidade é fundada em um alto e ainda que muito areento, contudo com terreno capaz e lavado dos ventos, e tem cinquenta para 60 casas e muitas mais perto da cidade porque a mais gente vive nas suas fazendas".

1732 - Construção do Pelourinho

1746 - O Bispo de Olinda Dom Frei Luiz de Santa Tereza, em relatório apresentado a Santa Sé, diz que Natal é "tão pequena que além do título de cidade, igreja paroquial e poucas casas, nada tem que represente a forma de cidade. Da cidade de Natal não há-tal, como por brincadeira se diz".

1777 - Domingos Monteiro da Rocha, Ouvidor da Paraíba, informa que o povoado da Cidade do Natal tinha quatrocentas braças de comprimento, por cinqüenta de largo, com 118 casas.

1810 - Henry Koster, viajante inglês, autor do livro "**Viagem ao Nordeste do Brasil**" informa que três ruas convergiam para a praça da matriz, inexistia calçamento e a população era em torno de seiscentos ou setecentos habitantes.

1813 - Inauguração do Quartel de Companhia de Linha.

1844 - O censo apresenta uma população de 6.454 habitantes

1846 - A resolução 140 aprovou o contrato feito para o aterro do rio Salgado (Potengi).

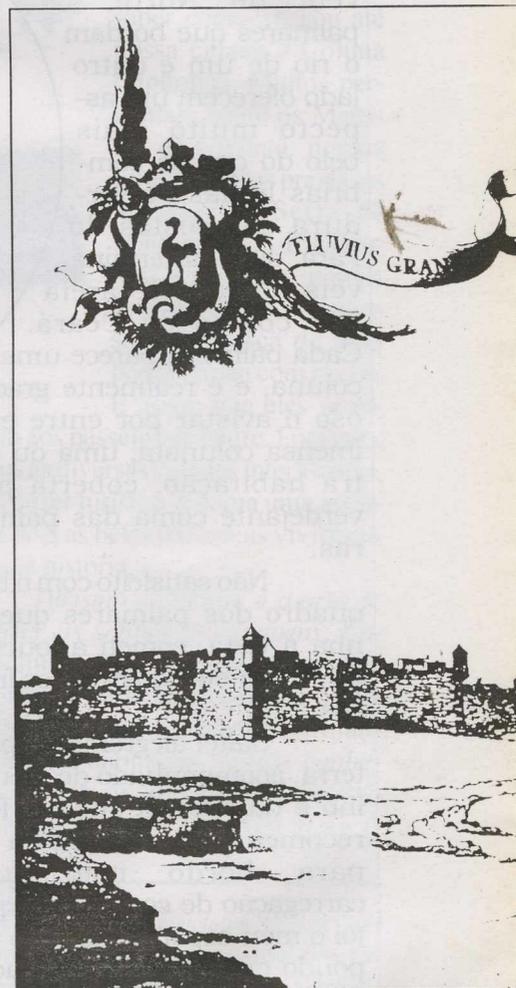
1847 - A Lei Provincial nº 118 de 09/11/1847, delimitou o quadro da cidade: do Baldo à Gamboa de João de Costinha e da margem do rio até a estrada nova, depois rua da Aurora.

1852 - A Câmara Municipal proíbe a construção de casas cobertas de palhas, capim ou junco nas principais ruas da cidade.

1855 - A Resolução nº 323 de 02 de agosto de 1855, autorizava o Presidente Passos a construir um cemitério, concluído no ano seguinte.

1856 - Inauguração da feira pública, criada pela Lei Provincial nº 74, de 11.11.1841.

1870 - O art. 24 da Lei 635, autorizava o Presidente contratar o abastecimento d'água da capital.



1878 - Inauguração do telégrafo elétrico no dia 04 de agosto.

1892 - Inauguração do primeiro mercado público no dia 07 de fevereiro.

1901 - Criação do bairro Cidade Nova, através da Resolução Municipal nº 15, de 30.12.1901

1902 - Inauguração da primeira fábrica de gelo, no bairro da Ribeira, no dia 28 de janeiro.

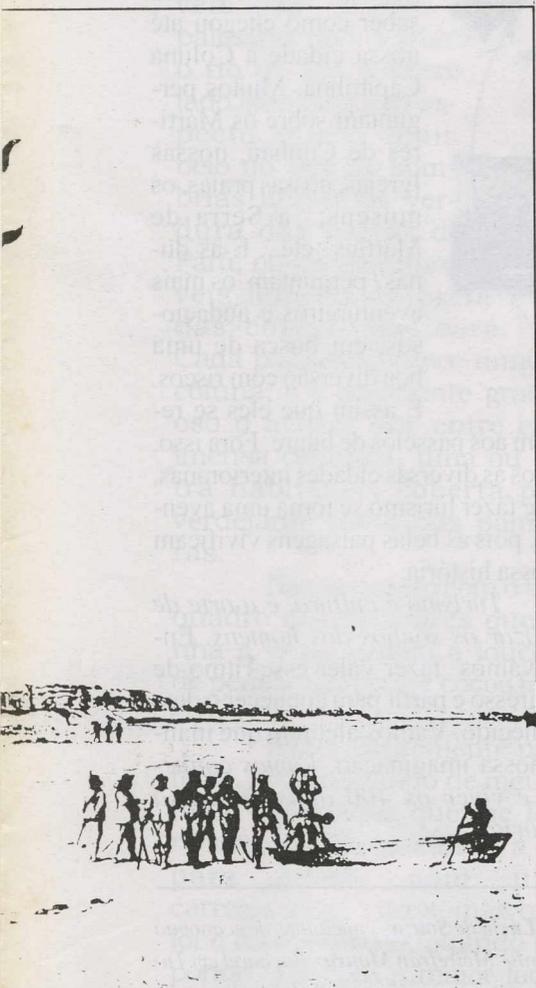
1903 - A Intendência Municipal inicia a colocação das placas de ágata com os nomes das ruas e praças da cidade.

cidade do Natal

1904 - Início da execução de projetos de urbanização e paisagismo, de autoria do Arquiteto Herculano Ramos; Inauguração do Teatro Carlos Gomes, no dia 24 de março.

1905 - Inauguração do primeiro trecho iluminado a gás acetileno, no bairro da Ribeira, em 27 de junho.

1906 - Inauguração do primeiro trecho ilu-



minado a gás acetileno, no bairro da Cidade Alta, em 15 de novembro.

1907 - Início de perfurações de poços, respondendo pelo abastecimento da cidade até 1938.

1908 - Circulam os primeiros bondes à tração animal (burros), da Companhia Ferro-Carril, inaugurando o primeiro trecho da Rua Silva Jardim à Praça Padre João Maria.

1911 - Criação do quarto bairro da cidade - Alecrim; Inauguração da iluminação elétrica na cidade e residências particulares; Instalação do primeiro telefone de Natal na residência da Sr^a Sinhá Galvão; Inauguração do serviço de bondes elétricos no dia 02 de outubro, circulando até 1955; Inauguração do primeiro cinema - Politeama - no dia 08 de

dezembro; Demolição da antiga cadeia pública na Praça André de Albuquerque e instalação da Casa de Detenção no Monte Petrópolis.

1915 - A empresa Força e Luz estende o serviço de bondes até a praia de Areia Preta.

1916 - A ponte metálica sobre o Rio Potengi é entregue ao tráfego no dia 20 de abril.

1922 - Inauguração do edifício da Prefeitura Municipal no dia 07 de setembro.

1926 - Confecção da Planta Topográfica da cidade registrando os serviços de saneamento existentes.

1928 - Inauguração do Estádio Juvenal Lamartine no dia 12 de outubro.

1929 - A Resolução nº 304 de 06.04.1929, autorizou o Prefeito Omar O'Grady a contratar o Plano de Sistematização da Cidade, sendo responsável pelo projeto o arquiteto Giacomo Palumbo.

1935 - O Plano Geral de Obras - contratado junto ao escritório Saturnino de Brito - abrangendo projetos e execução de serviços de águas e esgotos, inaugurados em 1939.

1947 - O Decreto-Lei nº 251, de 30 de setembro de 1947 promoveu a divisão das áreas urbanas e suburbanas em onze bairros.

1951 - Inauguração do Farol de Mãe Luiza

1963 - Construção da estação rodoviária, no bairro da Ribeira, em 15 de dezembro.

1964 - Construção do primeiro conjunto habitacional - Cidade da Esperança.

1967 - Elaboração do Plano Diretor da Cidade do Natal - através da SERETE - tendo como coordenador o arquiteto Jorge Wilhelm, com dois objetivos principais: garantia da linearidade das estruturas urbanas e manutenção da unidade urbanística através do adensamento do uso do solo e da redistribuição da população em alguns bairros.

1972 - Inauguração do Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco (Castelão) no dia 14 de junho.

1973 - Avaliação do Plano da SERETE sob a

orientação do arquiteto Sérgio Domicely, da CEPAL, visando atualizá-lo e implementá-lo; Projeto de Lei nº 2.211 criando o Plano Diretor de Natal, sob a responsabilidade do arquiteto Moacyr Gomes da Costa.

1974 - Sancionada a Lei Municipal nº 2.211 constando o Código de Obras do Município; Construção do Viaduto "Ponta Negra".

1977 - Trabalho coordenado pelo professor Valdomiro Alves de Souza, objetivando preparar regulamentação adequada à Lei nº 2.211/74.

1979 - Proposta para delimitação dos bairros - PMN/IDEC.

1984 - A Lei nº 3.175/84 "dispõe sobre o Plano Diretor de Organização Físico-Territorial do Município de Natal e dá outras providências.

1989 - Criação das Regiões Administrativas através da Lei 3.878/89.

1990 - Promulgação da Lei Orgânica do Município do Natal no dia 08 de abril.

1991 - A equipe técnica do IPLANAT, sob a coordenação do Professor Valdomiro Alves de Souza, inicia os estudos para atualização do Plano Diretor, com conclusão prevista para abril de 1993.

1994 - A Lei Complementar nº 07, de 05 de agosto de 1994 "dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e dá outras providências"; Redefinição de limites dos bairros através das Leis 4.327/94, 4.328/94, 4.329/94 e 4.330/94.

João Gothardo Dantas Emerenciano

Fontes:

- Guia da Cidade do Natal, de J.A. Negromonte e Felvino Vera Cruz, Natal, 1958/59; História da Cidade do Natal, de Luís da Câmara Cascudo, 2ª Edição; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília: INL, Natal: UFRN, 1980; Aspectos da Evolução Urbana e Demográfica de Natal, de Hélio Galvão, In: Revista da Academia Norteriograndense de Letras, Vol. 26, nº 14, Natal, 1978; Terra Natalense, de Olavo Medeiros Filho, 1ª edição, Fundação José Augusto Natal, 1991- Revisão do Plano Diretor da Cidade, Prefeitura Municipal do Natal - IBAM, 1987; Perfil dos Bairros do Município de Natal - PMN/IPLANAT/GERINT, Natal, 1998; Lei do Plano Diretor e Coletânea de Leis dos Limites de Bairros de Natal (Diário Oficial do Estado) Edição de 07 de setembro de 1994.

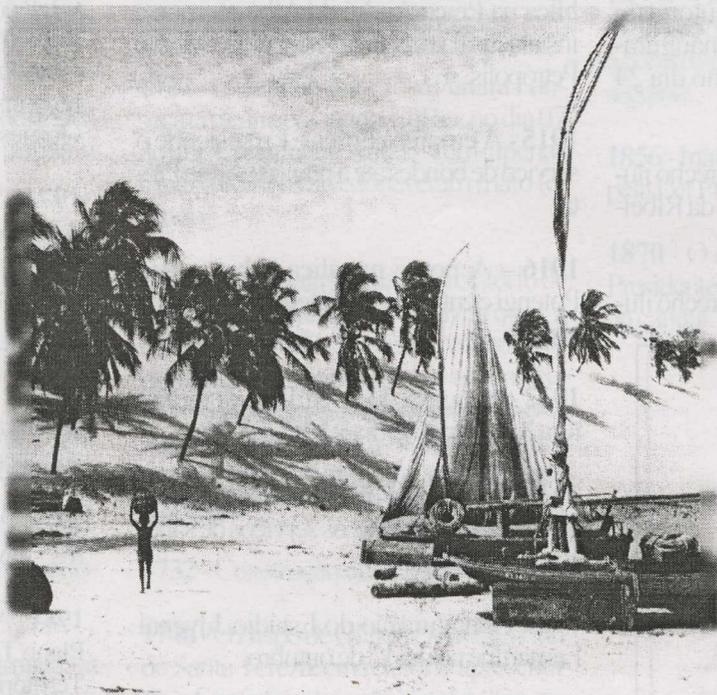
Turismo

Sendo o Brasil um País de clima tropical, com mais de 8 mil Km de litoral, com belos e imensuráveis Estados, nada mais brasileiro encontrar, ao longo do seu litoral, a Cidade do Natal - Capital do Rio Grande do Norte. Cidade esta que vive em estado de graça os 365 dias dos seus quase 400 anos, quando os portugueses em busca de riquezas, chegaram às margens do Rio Potengi, - palco de muitas batalhas.

A Cidade do Sol, ou A Noiva do Sol como disse Câmara Cascudo, conhecida também como *Esquina do Continente*, esbanja riquezas naturais, onde o sol audaz embevece extensos raios que encantam os turistas em sua forma singular de

embelezar nossas paisagens e tornar os 410 Km de praias no reduto mais explorado da cidade. Natal é um grande presente de DEUS: um presente para os olhos, para a pele, para a cabeça e para os pulmões, que segundo a NASA, possui o ar mais puro das Américas, tornando a vida de seus moradores e visitantes um perfeito clímax de alegria, tranqüilidade e equilíbrio.

O Rio Grande do Norte dispõe de uma das melhores infra-estruturas turísticas do Nordeste. Prova disso é o sucesso do nosso turismo, batendo recordes de visitas, lotando hotéis, pousadas e restaurantes de Natal e de outros centros turísticos, como as praias dos litorais norte e sul. E isso se traduz em mais empregos e melhorias da qualidade de vida da nossa população.



Praia de Genipabu

O grande desafio consiste na forma de encantar, não só o turista com nossas belas praias, boa hospitalidade, entre outros, mas levar através da mídia, o nosso povo à *conhecer e resgatar a cultura do nosso Estado.*

Diante disso, porque não entrarmos forte no mercado de turismo, se temos uma probabilidade grande de enveredarmos pelos caminhos do progresso cultural, levando e trazendo turistas de todas as partes do Brasil e do Mundo? *O turismo trabalha diretamente com os sonhos das pessoas, isto é, as suas aspirações mais caras,* o que tem de merecer a máxima atenção e carinho de quem lida com eles, a fim de não causar profundas decepções aos seus sonhadores.

A aproximação dos 400 anos de Natal tem trazido, de diversas partes do Brasil e do Mundo, turistas ansiosos e sedentos de conhecimento sobre a nossa história. Alguns querem saber sobre a conquista do Forte, sua construção, as guerras. Outros querem saber como chegou até nossa cidade a Coluna Capitolina. Muitos perguntam sobre os Mártires de Cunhaú, nossas Igrejas, nossas praias, os museus, a Serra de Martins etc... E as dunas? perguntam os mais aventureiros e audaciosos, em busca de uma boa diversão com riscos. É assim que eles se re-

ferem aos passeios de bugre. Fora isso, temos as diversas cidades interioranas, onde fazer turismo se torna uma aventura, pois as belas paisagens vivificam à nossa história.

Turismo é cultura, é a arte de realizar os sonhos dos homens. Então vamos fazer valer esse ritmo de progresso e partir para conhecer o desconhecido. Vamos além do que manda nossa imaginação. *Vamos conhecer e viver os 400 anos da nossa história.*

Ana Lúcia de Souza - conluente de economia da UnP- Meirefran Moura - Bacharel em Turismo e Agente de Viagens da Rotas Turismo



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte de valores LTDA.

■ Av. Campos Sales, 682-Tirol- Tel.:(084)211-7888/ 211-3159 (fax): 211-3159.
■ Rua Epitácio Pessoa, 527- Bom Jardim-Mossoró/RN-

Rotas

VIAGENS & TURISMO

**Av. Afonso Pena, 627 - Tirol - Natal/RN
(084) 222.3311 - 211.2950**

Outra rainha e outro baile

Amigos me falam de minha última crônica em *O Potiguar* alertando-me para o engano verificado com a data em que Ademilde foi Rainha dos Estudantes. Não foi em 1948 como ali eu ressaltai mais sim – lembra-se? – em 1950, e que eles lutaram como bravos para também dançar com ela e não conseguiram. E me rendi, pois de fato foi em 1950 e não 1948.

Mas, por que entra aquele 1948 ali?

Acho que por conta do fascínio de uma outra Festa de Estudantes, com baile no Aero e tudo mais, que guardo na lembrança, em detalhes que já vão se espalhando pelas praças de nossa capital, sem o devido registro. E quando foi isso?

Em 1938. Aí sim, 1938.

A Rainha dos Estudantes eleita fora Lola, da Escola Normal, e nossa vizinha.

Naquele tempo morávamos na Rua Apodi, ainda sendo calçada e na casa de Lola a agitação começou cedo. Ela morava na esquina da Apodi com a Rio Branco e tinha como vizinho da Rio Branco Sandoval Capistrano, e pela Apodi, a gente. Eu desde cedo, no dia da coroação, estava de olho nas agitações da sua casa e posso testemunhar quanto de entra e sai, de sobe e desce e vai e volta havia por ali.

Até que a noite caiu e às 7 horas se aproximaram e Lola, toda vestida de branco, num costume que certamente seria o fino da bossa em 1938 apareceu na porta de sua casa, sem área de entrada e sem



Av. Rio Branco na década de 40

terraço frontal, como a maioria das casas. Abriram-se a porta, e apareceu na rua.

E lá estava ela, e lá estava eu olhando tudo. A rua ensoberbecida pela opulência de fato semelhante, e a noite com postes raros e fracos, em sua potência de luz, não clareavam bem a intensidade do deslumbramento que ia pela alma de Lola. Mas, nuns dez carros, sim.

Dez carros?

Naqueles idos de 1938, Natal deveria contar com seus 98 automóveis, a maioria Ford e Chevrolet e começando a chegar, para competir com eles, a Chrysler. Os automóveis fantásticos, vinham descendo a Rio Branco, pois alguns deveriam ser da Praça do Grande Ponto e já vinham em fileira para impressionar.

Ao chegar na Apodi fizeram a volta em frente a nossa casa, permitindo o se alinharem na frente da casa de Lola, Rainha bonita e Estudante também. Ajudada por seus pais entrou no carro da frente, levando um certo tempo para ajeitar o vestido e lentamente afastou-se, seguida dos

demais que, um a um deram partida, em fila indiana. Todos os dez.

Na noite escura e brilhante de acontecimentos tais, que mexiam com toda a sociedade e tornavam Natal uma cidade grande em sua importância de possuir mulher bonita, e saber prestigiá-las com dez automóveis em desfile, inebriavam Lola. E sem saber eu testemunhava fatos históricos da maior

relevância social, mas só até ali, já que não tinha idade nem parente sócio do Aero para ir à festa, embora o convite houvesse sido feito.

Com as desculpas que seriam minha marca maior na vida, eu não fui ao Aero, vê-la dançar, e ser coroada, mas lhe desejei dali da calçada quando ela me viu, muitas felicidades em sua festa.

E agora me pergunto. Por que um pesquisador como Airton Risadinha, por exemplo, que escreve sobre rádio e cinema, não se anima a estudar, apanhar dados e referências, e escrever um livro sobre a importância que teve as eleições de Rainhas dos Estudantes em Natal, a desfrutarem muito realce na cidade? Por que? Seria muito interessante, principalmente se vindo desde os primórdios, que acredito estruturadas pela década de 30, mas quem sabe pode até ter sido antes. E as misses?

Por que não se escreve um livrinho sobre as misses Rio Grande do Norte? Todas foram de Natal?

Afranio Pires Lemos

**COMPRAMOS,
VENDEMOS E
TROCAMOS**
LIVROS E REVISTAS
VINIS, CD'S E FITAS DE VÍDEO
OBRAS DE ARTE . ANTIGUIDADES
EM GERAL . ENCADERNAÇÃO
E RECUPERAÇÃO DE LIVROS

Sebo da Praça

PRACA PADRE JOÃO MARIA, 71-A,
CENTRO - NATAL/RN.
FONE: 211-0403

Nordeste

EDITORA GRÁFICA

Serviços Gráficos em Geral

Rua Padre João Manoel, 520 - Tel.: (084) 222-1461
Natal - RN

A arte e o artista



Ilustração: Ernani Bruno

Dizia um velho filósofo que desconfiava de quem não gostasse de Música.

Para Napoleão – a Música era o mais suportável dos barulhos – Quem sabe, até preferisse o som dos canhões?...

E não lembro quem disse: “A vida sem música é como um quarto sem sol”.

É a mais etérea das Artes – surge de um mistério insondável, que vem do ar, das nuvens, das estrelas, canta no pensamento, passa para a voz ou o instrumento, evola pelo espaço, alcança o ouvido, deleita, emociona, e depois se cala, emudece, volta ao silêncio – volta às nuvens de onde parece ter vindo. Na sua definição mais simples e exata – é a Arte de combinar os sons.

E o que é realmente Arte?

Nasceu quando a primeira luz desvendou formas, sons e cores do Universo. Adão e Eva – os primeiros artistas, extasiados na contemplação da Beleza.

Para Oscar Wilde – a Arte foi criada com o fim de corrigir as imperfeições da natureza.

E qual seria a mais importante das Artes? – possível-

mente a Arte de Viver...

“A Arte da Vida é fazer da vida uma obra-de-arte” – atribuída a Chopin, tenho, porém, certa dúvida, porquanto ainda não localizei esta citação entre os seus escritos.

A mais difícil das Artes – será talvez a Arte de Conviver.

E a mais sutil e misteriosa – a Arte de Amar.

A mais rara, quase inatingível – a Arte de Ser Feliz.

A mais autêntica – a Arte Popular – é como o 1º degrau acima, na evolução da Arte Infantil – a mais inocente.

E qual seria a mais vital? Indispensável? – a Arte Culinária – cultivada desde tempos imemoriais.

A Arte Cênica tem o poder de fazer rir e chorar, odiar e amar. É a mais indiscreta, porque descobre segredos da alma humana no que tem de sórdido e sublime.

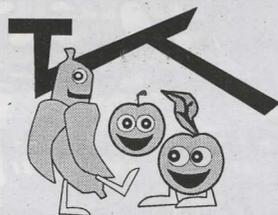
Ouvi dizer que 1988 está sendo chamado o Ano da Arte.

Lembraria apenas que, para o Artista, a Arte é uma festa irresistível, animadíssima, em todos os dias de sua vida.

Oriano de Almeida

Trecho da Palestra proferida na Academia Norte-Riograndense de Letras, em 25 de abril de 1988.

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.

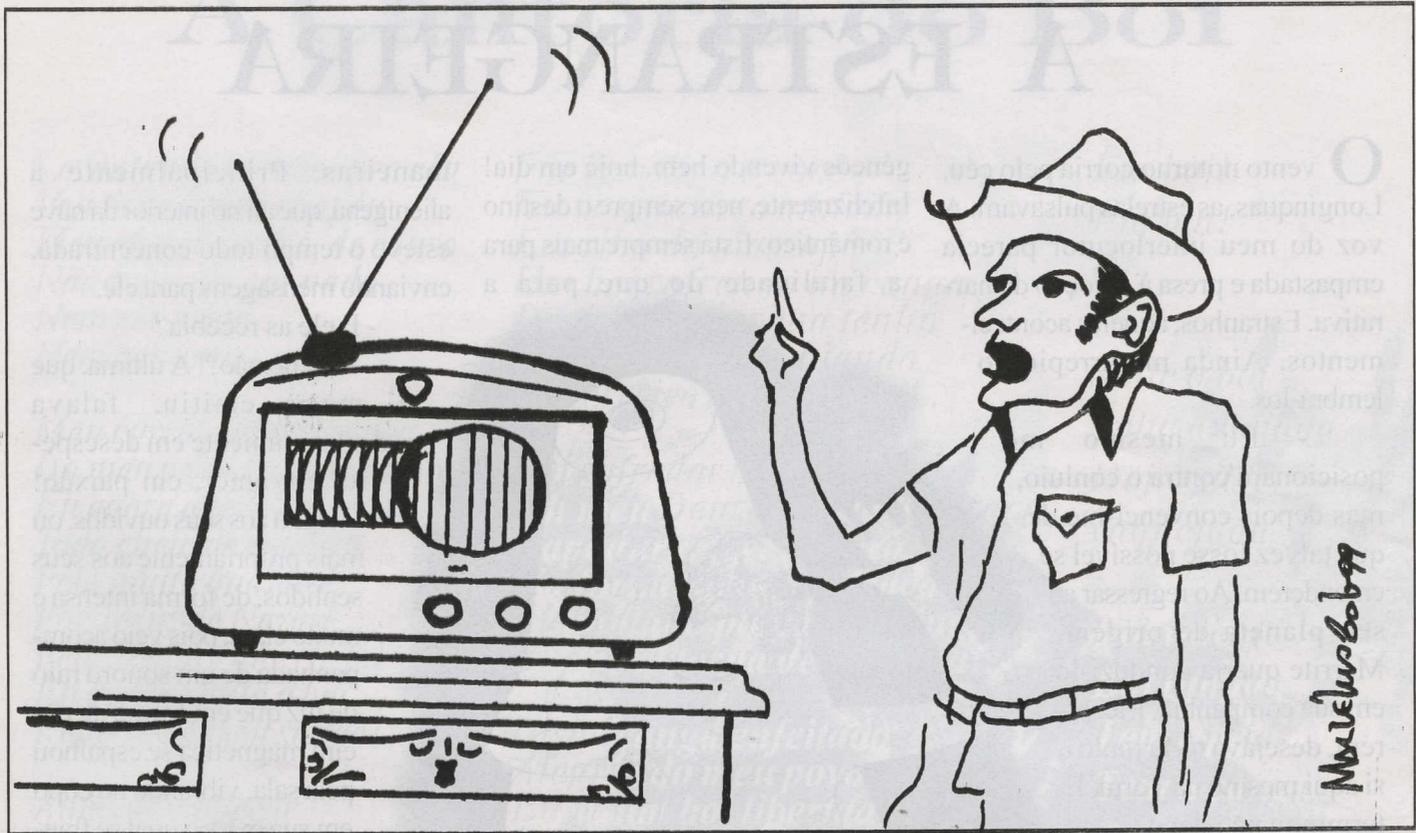


Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

O RÁDIO



O finado Manoel Pereira, morava ali onde hoje é uma tapera, perto de Zé Duca.

O velho era meio abestalhado, mas não era gente "rim" não. Certa vez, cismou de comprar um rádio. Falou para sua velha:

-Barata, eu vou comprar um rádio dos grandes, pra nós escutar o forró do bolachinha - aquele chamador de nomes. No domingo, na feira, o véio foi em um vendeião de rádio lá de Bom Jesus, que tinha o seu negócio quase vizinho a Manequinho do farelo. Chegando lá disse:

-Zé, eu quero comprar um rádio grande.

O homem mostrou um, novo na caixa. Ligue aí, que é pra eu ver se é bom. Zé ligou o volume bem alto. O véio ouviu e gostou. Ah, esse aqui dá pra eu. O Vendeião entregou a

mercadoria e Manoel Pereira pagou. Voltou muito feliz para casa. Mas, no lugar em que ele morava, era cheio de casas por perto. Toda vez em que ele ligava o rádio, a vizinhança escutava e saía nas portas. O véio cismou:

Barata, esse rádio num dá pra mim não. Eu num vou fazer força, juntar dinheiro pra ninguém ouvir meu rádio. Quem quiser escutar, que compre um também. Eu vou entregar essa molesta ao vendeião e trazer outro que fale baixinho. Vou comprar um que fale só pra eu. Não é que o velho levou? Chegou lá e disse:

-Ôi Zé, vim aqui entregar o rádio.

-Por que? O rádio num presta não? Um rádio novo.

-Olhe, eu vou dizer a você. Quer vê? Então liga aí. Zé ligou o rádio que estava com todo o volume. Tá vendo? Num dá pra mim não. Mora uns vizinhos

perto d'eu lá em casa. Quando eu ligo esta peste, fica todo mundo de boca aberta nas portas escutando, e eu já estou me sentindo prejudicado. Este rádio fala muito alto. Eu quero um que fale baixinho, baixinho...O vendeião pegou o rádio e foi lá dentro, baixou o volume e voltou com ele para trás.

-Pronto! este aqui, só você é quem escuta.

-Ah, esse dá pra eu. Que negocio nós faz? O peste ainda queria voltar dinheiro.

-Não! um no outro, disse o vendeião. Leve ele desse jeito aí e não mecha.

O flexado do véio ainda saiu dizendo:

-Esse rádio dá pra eu, esse aqui dá pra eu. Só pra eu e minha véia...

Newton Lins Bahia

CLIMA

Artes Gráficas e Publicidade LTDA

Rua. Dr. Barata, 216 - Fone: 222-3994-
CEP-59012- Ribeira-Natal/RN

VEREADOR PT

OLEGÁRIO

MANDATO VIVO

A ESTRANGEIRA

O vento noturno corria pelo céu. Longínquas, as estrelas pulsavam. A voz do meu interlocutor parecia empastada e presa à emoção da narrativa. Estranhos, aqueles acontecimentos. Ainda me arrepio ao lembrá-los.

- Eu mesmo me posicionara contra o conluio, mas depois convenci-me de que talvez fosse possível se entenderem. Ao regressar ao seu planeta de origem, Marrite queria conduzi-lo em sua companhia. Ele, porém, desejava tê-la junto a si aqui mesmo na Terra. E terminou não dando certo... - Vicente Queiroz dissera, iniciando a narrativa daquela história que eu não ignorava, embora só superficialmente a conhecesse. - É que o destino não quis.

- O que foi que o destino não quis? - perguntei por acaso.

- Que vissemos felizes, para sempre.

- Conto de fadas?! Ora, não seria possível. Ele era terráqueo e ela alienígena.

- Que tem isso?! - Vicente Queiroz obtemperou, esfregando as mãos. - Existem tantos casais hetero-

gêneos vivendo bem, hoje em dia! Infelizmente, nem sempre o destino é romântico. Está sempre mais para a fatalidade do que para a

maneiras. Principalmente a alienígena, que ali no interior da nave esteve o tempo todo concentrada, enviando mensagens para ele.

- E ele as recebia?

- Como não?! A última, que a moça emitiu, falava declaradamente em desespero, em amor, em paixão! Chegou aos seus ouvidos, ou mais propriamente aos seus sentidos, de forma intensa e muito clara, pois veio acompanhada de um sonoro raio de luz que em forma de poeira magnética se espalhou pela sala, vibrando no copo em sua mão, o qual se fragmentou em duzentos pedaços.

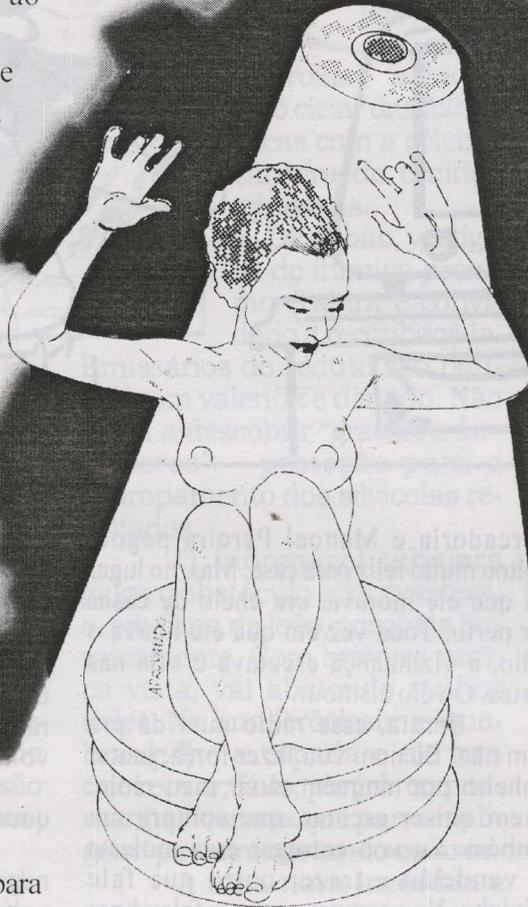
- Ah...

- Então ele deixou a casa e foi para o meio do campo, onde chorava desabafando suas mágoas, andando e olhando para o céu, vendo as estrelas que brilhavam longe, mas nítidas,

fixas.

- E o que aconteceu depois?...

- De uma das janelas da nave a mulher ficou olhando um tempo enorme para ele, que a fitava sem falar. Nisso ele percebeu com o canto do olho uma centelha verde pairando no alto, entre as estrelas. Teve



contemporização.

- Por quê? Talvez nem tenham tentado... Com um pouco mais de boa vontade talvez as coisas tivessem melhorado!

- Tentaram, sim. E de várias

ZÉ AREIA DESCONFIAVA DO SENTIDO DA PALAVRA DESIGNATIVA DE SUA ANTIGA PROFISSÃO. FOI UM DOS ÚLTIMOS FILEBOSTÊNICOS DA CIDADE. OU SEJA, BARBEIRO TIRADOR DE SANGUE.

Luís da Câmara Cascudo
Folclorista e historiador



20
Anos

GRUPO DINÂMICO
ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

a súbita intuição que se tratava da nave enviada de Ostium para levar Marrite, e por isso ficou ainda mais desesperado, mordendo os pulsos, arrancando os cabelos.

- Que horror! - exclamei.

- Naquele instante uma densa neblina começou a cair. Ele sentiu que o tempo esfriava. Puxou o zíper da blusa de couro até o colarinho, procurando se aquecer. A atmosfera não só esfriava como também se dissolvia numa chuva de granizo e de quartzo estilhaçados. Aturdido e sem saber ao certo o que acontecia, Daniel Gabriel pôs a mão em pala sobre os olhos, procurando identificar um foco de claridade que se movia na escuridão. Silenciosamente a nave-mãe pousoava. Com o coração se estorcendo de dor, o moço deixou cair os braços ao longo do corpo. No íntimo, tinha a intenção de acabar com a própria vida.

- Que desespero, hein?!

- O amor é trágico e doloroso em tais circunstâncias...

- Que providência tomaram os outros alienígenas?...

- Alguns deles, já conhecidos do rapaz, foram até onde ele se achava, com a intenção de acalmá-lo. O moço, porém, não quis ouvi-los. Pensou talvez que quisessem tomar alguma atitude drástica contra ele. Chegou a sacar de uma arma, conservando-a visível na mão. Os homens do espaço ponderaram e em seguida foram embora sem lhe causar nenhum mal. Por isso ele deixou que a arma pendesse frouxa em sua mão. Depois, porém, empunhou-a de novo e de novo largou-a. Desesperado, não sabia como proceder. Com a perspectiva de perder Marrite,

todo o tempo planejava se matar. Interpretando-lhe o pensamento, a extraterrestre tratou de tomar uma atitude de acordo com a gravidade da ocasião. Descendo da nave, dirigiu-se ao seu encontro. Bela e translúcida caminhou sob a chuva. Os olhos violáceos a brilhar, os cabelos prateados caindo-lhe sobre os ombros. As roupas molhadas, que se colavam ao seu corpo, ressaltavam-lhe as formas perfeitas de mulher. Chegando junto a ele o segurou pelo pulso, transmitindo-lhe uma corrente magnética de amor e de ânimo. Por algum tempo estiveram abraçados, serenos, apaziguados. Quando tudo parecia bem, os ânimos relaxados, um vulto apareceu correndo na varanda da casa em penumbra, a mão nervosa agitando-se e nela aparecendo o brilho de uma arma.

- Venha cá, Orismundo! - a mulher chamou.

Um rapazola de olhos ressaltados e violáceos aproximou-se dela, pegando em sua mão, sentindo-lhe os dedos firmes, quentes, protetores. O rapazola não era maior que um menino, mas já tinha, talvez, uns vinte anos

- E Daniel Gabriel?! - perguntei. - Não percebi que o jovem alienígena estava armado, não?!

- Pois é; nem ele nem a mulher. Estavam por demais envolvidos com os próprios problemas... Por parte do jovem houve um inesperado movimento, muito rápido. Daniel Gabriel tentou recuar para se proteger. Tarde de mais! Rasgando a obscuridade da noite chuvosa, um raio explodiu entre seus olhos, e então tudo se apagou. Ele sequer chegou a ouvir o baque do próprio corpo de encontro ao solo molhado. Uma perfura-

ção com a circunferência de meio centímetro, aproximadamente, deixava fluir um jorro quente de sangue em sua testa.

- Que fez a mulher!? Que providência ela tomou!?

- Marrite entrou em pânico. Enlouquecida, pegou o jovem pelos ombros e o sacudiu, chamando-o de assassino. Ele não reagia. Parecia estupefocado, sem entender direito o que acontecera. No horizonte juntavam-se nuvens de tempestade. A mulher torcia as mãos, chorando, desesperada, gritando que não queria sobreviver àquela vergonha.

- Muito triste...

- Sim, muito triste... Enquanto isso o corpo de Daniel Gabriel sangrava sob a chuva. Da nave desceu um extraterrestre vestindo um macacão platinado e portando uma espécie de arma parecida com um fole. Caminhou decidido para o corpo estendido no chão e junto dele parou, fotografando-o demoradamente. Em seguida sacou daquela arma e borrifou-o com uma substância brilhante, azulada. O cadáver começou a derreter e dissolveu-se na chuva.

- Por isso nunca foi encontrado?...

- Por isso mesmo.

- Que Deus o tenha em sua glória.

- É justo. Ele foi meu amigo. Juntos estudamos no Liceu de Caçapava...

O vento noturno corria pelo céu onde as estrelas tinham um brilho branco e seco como aço. Na noite lúgubre fui dominado por uma saudade indefinida como a nostalgia de outros mundos, de coisas há muito tempo passadas.

Nilson Patriota

CDT

CASA DO FERA

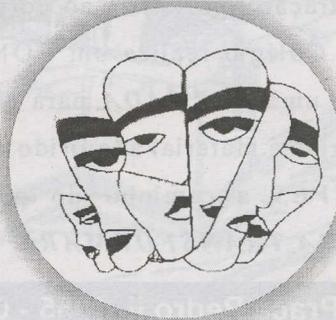
COLÉGIO E CURSO



Quem aprende não esquece

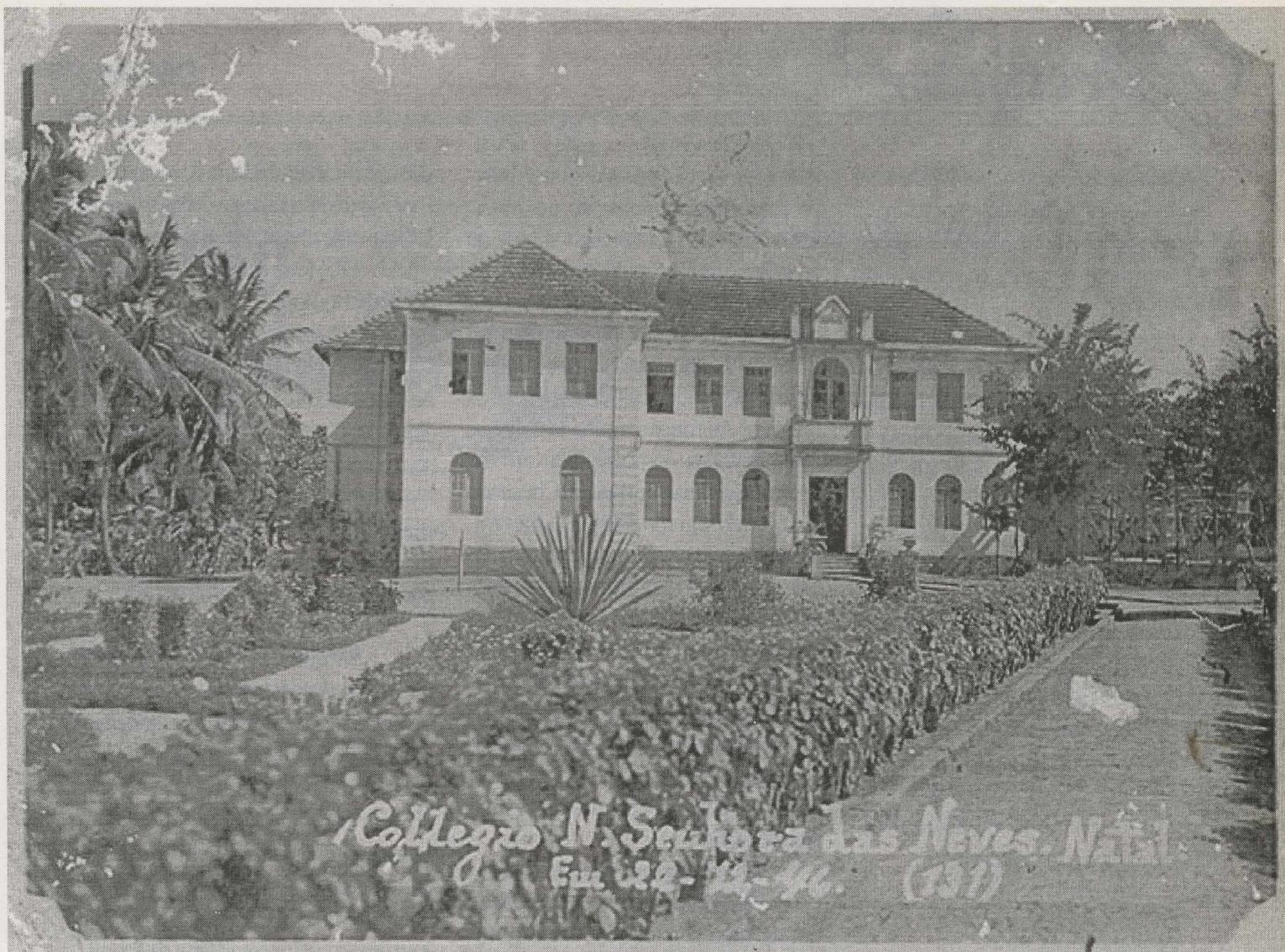
Av. Deodoro, 907 - CENTRO - NATAL/RN
AV. Prudente de Moraes, 2124 - TIROL - NATAL/RN
- FONES: 211 6607 / 222 7097

Sebo Espaço 104



Vende-Compra-Troca de Cd's - Livros - Revistas

Rua Vigário Bartolomeu, nº 565, Centro - Natal/RN
Fone: 221 - 3717/987-8551



Colégio Nossa Senhora das Neves em 1946



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

O Colégio Nossa Senhora das Neves vem escrevendo a sua história há **67 ANOS** – **EDUCANDO PARA TRANSFORMAR**, junto à sociedade norte-riograndense.

O Projeto Político-Pedagógico da escola, é fundamentado nos valores do Evangelho, o qual se propõe a ajudar na construção de uma sociedade digna, justa e fraterna, que acolha as diferenças, onde todos tenham a liberdade de expressar plena e livremente seus direitos e deveres de cidadãos críticos.

A história revela a tradição, a confiança das famílias e a prática valoriza a tecnologia moderna, a qual vem auxiliar no processo ensino-aprendizagem, atualizando as informações e tornando-as de fácil acesso.

A administração oportuniza ao corpo docente e técnico, atualização em serviço. A cada dois anos, o Colégio realiza um CONGRESSO, e, anualmente, uma **CONVENÇÃO** para os técnicos e uma **JORNADA** para os professores, afora a participação dos mesmos em congressos vários e material adquirido para trabalhos de estudos.

Eis o **NEVES** a caminho do próximo milênio, construindo a sua história – **EDUCANDO PARA TRANSFORMAR**.

Praça Pedro II, 1055 - CEP 59 03-000 - Alecrim - Natal - RN